

## **PROTAGONISMO E EMPODERAMENTO DE MULHERES AFRODESCENDENTES NO BRASIL: DESAFIOS PARA O SUCESSO EDUCACIONAL NO ENSINO SUPERIOR**

Thaís Rocha de Souza, Verônica Maria Lima Abreu Email: [ve-lima1@hotmail.com](mailto:ve-lima1@hotmail.com)

Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: [thaisboliviana@outlook.com](mailto:thaisboliviana@outlook.com)

Profª Orientadora: Edmara de Castro Pinto. E-mail: [edmaracastro@ufpi.edu.br](mailto:edmaracastro@ufpi.edu.br)

### **RESUMO**

Pretende-se, neste trabalho, situar o empoderamento como expressão do protagonismo social das mulheres afrodescendentes, a partir das suas trajetórias ao longo dos anos. Dessa forma, deteremo-nos a um olhar bibliográfico sobre as categorias: Afrodescendência, Mulheres e Ensino Superior. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas as pesquisas bibliográfica e documental, sendo a natureza da pesquisa qualitativa. Objetiva-se, incitar o debate sobre as lutas e conquistas de mulheres afrodescendentes, tendo em vista alcançar autonomia e protagonismo na sociedade com o uso da graduação, como forma ascensão social, defendendo o sucesso no ensino superior mesmo frente os desafios enfrentados diuturnamente. Essa vontade marcante de pesquisar nasceu a partir da minha trajetória como mulher afrodescendentes, de baixa renda, natural de outra cidade, que ingressou no ensino superior através do sistema de cotas na graduação em pedagogia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, enfrentando desafios e superando cada um deles e ao subgrupo de pesquisadores que estudam juventudes, cultura de paz, EJA, gênero e relações étnico-raciais participantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Juventudes- NEPJUV onde esmero essas discussões. Neste sentido, alguns dos autores que subsidiaram essa discussão foram: Crenshaw (2002), Ribeiro (2017), Cunha Jr (2005), Martins (2013), Boakari (2010), Carvalho (2018), Jaccoud et al. (2008), Gomes et al (2011). Propõe-se, por fim, a ampliação da discussão acerca das lutas, a fim de que ocorram transformações e mais oportunidades de acesso

**Palavras-chave:** Ensino superior, empoderamento, mulher afrodescendentes.

### **INTRODUÇÃO**

No Brasil, falar sobre a mulher afrodescendente significa trazer a tona uma questão importante que é a situação de invisibilidade em que se encontram muitas delas. Diante desse contexto é importante discutir sobre a trajetória e desafios enfrentados. Dados mostram que a mulher afrodescendente se encontra numa ótica de insucessos por ser mulher, por ser afrodescendentes, por ser de baixa renda. E isso se deve a condições sociais dominantes construídas historicamente, em torno de estereótipos, machismo, exclusões, falta de oportunidade e discriminações.

Este artigo versa sobre a importância e inserção das mulheres afrodescendentes no contexto do ensino superior, afim de provocar reflexões que busquem diminuir a discriminação,

ênfatizando suas formas de lutas e desafios, frente a uma sociedade opressora; onde busca seu lugar de fala e empoderamento, em destaque para o Brasil.

Martins (2013, p. 105) ênfatiza que “há um aumento da inserção da mulher afrodescendente em várias áreas da sociedade e isso vem acontecendo por consequência do aumento do grau de escolaridade refletindo no aumento de sua renda.” A autora nos remete a questão muito importante neste trabalho que é a inserção dessas mulheres na sociedade, isso é resultado de mecanismos como sistema de cotas, e a necessidade de se inserir nesses espaços como protagonista.

Pretende-se situar este empoderamento como expressão do protagonismo social das mulheres afrodescendentes, a partir das conquistas ao longo dos anos. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas as pesquisas bibliográfica e documental, sendo a natureza da pesquisa qualitativa (MINAYO; GOMES 2017).

Objetiva-se, incitar o debate sobre as lutas e conquistas de mulheres afrodescendentes, tendo em vista alcançar autonomia e protagonismo na sociedade com o uso da graduação, como forma ascensão social, defendendo o sucesso no ensino superior mesmo frente os desafios enfrentados diuturnamente.

Essa vontade marcante de pesquisar nasceu a partir da minha trajetória como mulher afrodescendentes, de baixa renda, natural de outra cidade, onde ingressou através do sistema de cotas na graduação em pedagogia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, enfrentando desafios e superando cada um deles e ao subgrupo de pesquisadores que estudam juventudes, cultura de paz, EJA, gênero e relações étnico-raciais o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Juventudes- NEPJUV onde esmero essas discussões. Neste sentido, propõe-se a ampliação da discussão acerca das lutas, a fim de que ocorram mudanças e melhorias.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho se apresenta de natureza qualitativa, pois “ela se ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado”.( MINAYO, GOMES, 2007, p. 21) a autora nos remete a questão norteadora desse trabalho, que partindo da análise da realidade de terminado grupo, neste artigo, as mulheres afrodescendentes no ensino superior.

Onde, para Minayo e Gomes (2007), a pesquisa qualitativa “[...] Trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

A partir desse pensamento da autora, que nos inspirou a levantar essa discussão, a partir de aspirações, valores e atitudes onde refletimos o estudo das relações étnico-raciais no ensino superior em destaque para a mulher afrodescendente.

Neste trabalho abordaremos a análise documental e bibliográfica de autores que refletem acerca das relações étnico-raciais no Brasil, como Crenshaw (2002). Ribeiro (2017), Cunha Jr (2005), Martins (2013), Boakari (2010), Carvalho (2018), Jaccoud et al. (2008), Gomes et al (2011).

## **DISCUSSÃO**

Este trabalho versa sobre a importância e inserção da mulher afrodescendentes no ensino superior, mas antes de falar sobre os desafios e lutas que mulheres afrodescendentes enfrentam como por ser mulher, por ser afrodescendentes, por ser de determinada classe social.

Vale ressaltar de acordo com Cunha Jr. (2005, p. 253) releva que o termo afrodescendente “nasceu, sobretudo, em decorrência da falta de conhecimento e da necessidade de se relacionar o passado africano com a história do Brasil”, onde outros termos, como negro/preto viam carregadas com teorias pejorativas que desqualificavam o afrodescendente. Martins (2013) afirma que a identidade afrodescendente não é algo predefinido, unificado e construído desde o nascimento. É construído historicamente e não biologicamente como muitos consideram.

Martins (2013) contribui justificando que o termo afrodescendente o associa a uma categoria social de cunho político desvelado para suas contribuições na história da resistência negra, suas lutas por igualdade frente a uma sociedade que exclui e diminui essa classe que tanto contribuiu e contribui para construção do Brasil.

É importante esclarecer um pouco da atuação das afrodescendentes nesse contexto. “A vida é permeada por momentos difíceis de toda natureza, que podem marcar a existência e até paralisar uma caminhada. Contudo, o ser humano é provido de características que o impulsionam ao crescimento.” (MARTINS, 2013, p. 29).

Por motivos diversos, como preconceito, falta de oportunidade e a acessos básicos a saúde, educação de qualidade, o brasileiro nascido de pai e mãe pretos e pardos não se consideravam como pretos ou pardos. Mas a partir “em algum momento, entre 1996 e 2001, há um processo de mudança em como as pessoas se veem.”. (JACCOUD et al, 2008, p. 120).

Isso se deu principalmente, com ação política do movimento negro, dando voz e oportunidades para afrodescendentes em vários cenários de prestígio social, tendo como resultado a identidade negra fortalecida.

Nesse sentido, segundo o censo de 1890 os afrodescendentes correspondiam a 56%, em 1940 baixou a números de 36% , mas para o autor se justifica ao fato que nesse período estima-se que cerca de 3 milhões de imigrantes europeus, preferencialmente, correspondendo a um percentual considerável, adentraram ao Brasil, conhecido como “branqueamento” da população brasileira como mostra (JACCOUD et al, 2008).

Mas, ao passo que o novo censo demográfico demonstra que, dados de 2007 revelou que os afrodescendentes já correspondem a 49,8%, ou seja, os mesmos passaram a se vê como pretos ou pardos, porque parte de construção social, como as pessoas se vêem. Para Martins (2013, p. 75) no censo de 2010 observou que “[...] Pretos e pardos são aproximadamente 97 milhões de pessoas, representando atualmente 50,7% da população brasileira e são maioria em 56,8 das cidades do país”. Mas, segundo dados, o crescimento demográfico esta em contraponto pois não foi da na mesma velocidade que as suas condições de vida dos afrodescendentes também cresceu, neste sentido ainda são muito desiguais, de acordo com os indicadores.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que o aumento dos sujeitos que se afirmam nessa categoria é consequência de como os brasileiros se colocam na sociedade, ou seja, significa ratificar que o Brasil não está se tornando um país de afrodescendentes, “mas se assumindo como tal”. (JACCOUD et al, 2008, p. 120.) E (MARTINS, 2013, p. 7)

E no contexto do ensino superior? Para Martins (2013) estudos que relacionam questões relacionadas aos afrodescendentes, em particular de mulheres afrodescendentes, na Universidade Federal do Piauí são bastante escassos diante dos múltiplos programas de pós-graduação que poderiam abordar a temática, torna-se um grande desafio disposto a complexidade da temática.

Podemos afirmar a situação de invisibilidade sofrida historicamente por esses sujeitos, e a evidente discriminação a que estão inseridos em toda a sua trajetória. “Nesse cenário, as mulheres afrodescendentes brasileiras se apresentam com desvantagens maiores” (MARTINS, 2013, p. 59)

Ao passo que essas mulheres afrodescendentes, necessitam de espaço e igualdade aonde quer que estejam inseridas, assim como os demais sujeitos, mas pode se observa de maneira

latente que o discriminação por ser jovem, por ser mulher, por afrodescendentes carregada consigo dentro de uma sociedade machista, patriarcal comp demonstra Kimberlé Crenshaw (2002) onde nomeou de interseccionalidade, o que seria acerca dessas diversas dinâmicas que a discriminação se configura.

(CRENSHAW, 2002, p. 177). De acordo com a autora:

[...] A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW 2002, p. 177).

Sobre as formas de como o preconceito se manifesta, por exemplo no ensino superior, existe a discriminação a que estão sujeitos as mulheres afrodescendentes nesse cenário, manifesta se de várias maneiras como por ter ingressado pelo sistema de cotas, pela cor da pele, por ser baixa renda, pelo modo como se veste, por ser mulher, mulher negra/parda.

Para Carvalho (2018) em seu trabalho de conclusão de curso, *Jovens afrodescendentes no ensino superior: um estudo acerca das expectativas de vida pessoal e profissional de estudantes assistidos pelo NAE na UFPI-CAMPUS PARNAÍBA*. Afirma que “no meio acadêmico ainda há bastante relação de preconceito e racismo por parte de estudantes e professores universitários”.

Diante do desenvolvimento desse trabalho podemos afirmar que o empoderamento de mulheres afrodescendente é latente, mesmo diante dos desafios enfrentados desde de infância, por uma sociedade que por vezes classifica negativamente, pelos esteriótipos que consideram como por exemplo cabelo “ruim”. Ribeiro (2017) afirma que “existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e para além de refutar é preciso que partimos de outros pontos”.

Neste sentido, para Martins (2013 p. 71) “Afrodescendentes e brancos ainda não têm o mesmo acesso aos níveis de ensino no Brasil” a presença de mulheres afrodescendentes no ensino superior ultrapassar a quantidade de homens afrodescendentes, mas ainda assim é menor que mulheres brancas.



compreendemos que a política de cotas possibilita cada vez mais a inserção desses sujeitos nesses espaços, mas notamos que a inserção no ensino superior dos jovens afrodescendentes, em especial as mulheres, no ensino superior é recente, como afirma Jaccoud et al. (2008) onde foi apenas a partir de 2001 que o sistema de cotas começou a ser utilizado pelas universidades, esse dado nos mostra que transformações acerca de como inserir esses indivíduos ao ensino superior, ainda é muito pequena e nesse sentido, tardia.

Portanto, isso impacta diretamente a vida dessas pessoas, pois a maioria ainda continua marginalizada. Um outro ponto importante que a autora ressalta é a mobilidade social, econômica e educacional que os afrodescendentes atualmente vêm vivenciando, mesmo que de maneira muito devagar, nesse sentido podemos concluir que essa mobilidade social dos afrodescendentes no Brasil já deveria ter dados passos mais largos rumo a igualdade no acesso a educação, saúde, moradia.

Ao passo que a mulher afrodescendente sofre múltiplas discriminações, acabam por estar em desvantagem ainda maior que os homens afrodescendentes. Pela sua invisibilidade a que estão muitas vezes acometidas. Mas ao passo que a educação, principalmente, o ensino superior dá a oportunidade de melhores condições para a mobilidade social e emancipação desses sujeitos.

Para ampliar o entendimento sobre a mulher afrodescendente, o contexto do ensino superior da margens para o lugar de fala, o meio acadêmico para essas mulheres funciona como mecanismo de valorização do saber e a emancipação, onde inseridas no meio acadêmico, visionam na participação em núcleos de estudos, pesquisas, submissão de artigos científicos, construção de conhecimento e de se mesmas como mulher empoderada, portanto, a possibilidade de que esse prestígio as coloque em destaque, como mulher afrodescendente no meio acadêmico e na sociedade é evidente.

Como Martins (2013, p. 98 a 99) reforça que “nesse novo cenário que ela transita, constrói um novo imaginário a respeito da mulher afrodescendente, cada vez mais associado ao seu poder de superação e não mais somente a falta de poder, de sujeição ou de insucesso.” A partir dessas reflexões, esse trabalho compreende que a temática é emergente, esse estudo atravessa discussões para ampliar a participação dessas mulheres empoderadas, emancipadas em lugar de destaque aonde quer que estejam inseridas, não invisíveis ou as margens da sociedade.

Nesse sentido, “as dificuldades que as mulheres afrodescendentes possuem em serem reconhecidas dentro de suas singularidades no contexto escolar revelam a necessidade de mudança das práticas educativas, do currículo da escola e de mentalidades. (MARTINS, 2013 p. 112).

É dentro dessa realidade que a mulher afrodescendente está inserida, a educação precisa dispor de condições para acesso de qualidade e permanências, no sentido das mentalidades, vale destacar a importância de desconstruir modelos sócias dominantes que as desqualificam, e frequentemente, é vista de forma estereotipada. O que causa nesses indivíduos situações de discriminação e falta de oportunidade. (GOMES et al, 2011). Mas sim emergir no sucesso educacional, e social.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreendemos que é importante levantar a discussão acerca dos afrodescendentes no Brasil, porque é a temática é emergentes, em especial as mulheres afrodescendentes, dados revelam que a situação que se encontram é resultado de toda uma construção social que desqualificam os afrodescendentes, situações de discriminação que ainda faz parte do dia a dia de muitos indivíduos.

Mas não apenas isso, mas também ocorre uma situação que os deixa em desvantagens no acesso a moradia, educação e saúde. Por outro lado, observa se que a mobilidade social tem feito parte da história dos afrodescendentes atualmente, entretanto, de modo muito tímido, logo, ainda há muito percorrer e melhorar, afim de transformação mais justas.

Diante do desenvolvimento deste trabalho, foi possível compreender a necessidade de discutir a temática da mulher afrodescendente no contexto do ensino superior devido invisibilidade que estão sujeitadas. A necessidade que há em valorizar essas mulheres é emancipador, pois as estruturas sociais faz com que se enquadrem em um cenário de invisibilidade social, insucesso educacional, e múltiplas discriminações.

Nesse sentido, devido a forte complexidade da temática, compreendemos que passos mais largos devem ser dados, pois estudar a situação a que estão inseridas dá suporte para a transformação e inserção na sociedade.

Tal afirmação leva em consideração que estratégias como entrar no ensino superior parte de incentivo pessoal e de políticas que viabilizam adentrar a universidade, usando o sistema de cotas como ferramenta, pois almejam sair da situação a que se encontram, e isso trás

empoderamento, logo, por estarem mais presentes no seio social, o que pode que viabilizar melhores condições para mobilidade social e econômica e condições de vida como mulher afrodescendente de sucesso.

## **REFERÊNCIAS**

**BOAKARI, F. M. Mulheres afrodescendentes de sucesso: confrontando as discriminações brasileiras.** Fazendo Gênero, n. 9: diáspora, diversidades, deslocamentos. Santa Catarina: 2010.

**CARVALHO, Carla Renata Lopes Borges. Jovens afrodescendentes no ensino superior: um estudo acerca das expectativas de vida pessoal e profissional de estudantes assistidos pelo NAE na UFPI-Campus Parnaíba.** 123 f. Trabalho de Conclusão Curso (graduação em Pedagogia). Universidades federal do Piauí, Parnaíba, 2018.

**CUNHA JUNIOR, H. Nós, afrodescendentes: história africana na cultura brasileira.** In: ROMÃO J. (ORG.) História da educação do e outras histórias. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 249-273.

**CRENSHAW, Kimberle. Documento para o Encontro de Especialista em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero.** Estudos Feministas, 171-177. 1/2002

**DESLANDES, Suely Ferreira; MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG); GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

**GOMES, Ana Beatriz Sousa et al. Educação para relações étnico-raciais.** Teresina: EDUFPI, 2011.

**JACCOUD, Luciana et al. As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição.** Brasília: Ipea, 2008.

**MARTINS, Lucienia Libania Pinheiro. Afrorresilientes: a resiliência de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional.** -1. ed. – Curitiba: Appris, 2013.

**RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala?.** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.